

“Na prisão estava preocupado com os meus negócios”

“Tinhamos de resolver os problemas económicos dos Açores e a manifestação do 6 de Junho foi a semente lançada em boa terra”



Luís Franco vai lançar livro

se sentiu no dia em que foi libertado?

A ler mas, sobretudo, preocupado com os meus negócios. Na altura, tinha mais de mil cabeças de gado nas minhas instalações, dezenas de empregados de construção civil e uma infinidade de pagamentos a fazer e decisões a tomar. É sempre bom ser livre.

Voltando um pouco atrás? Conte-nos o seu 6 de Junho de 1975. Envolveu-se na manifestação? Há quem diga que foi mesmo um dos mobilizadores?

A manifestação havia sido desmarcada mas, à cautela, eu tinha dias antes dependurado um bezerro numa árvore do Campo das Rezes. O Luís Fernando Cymbron e o Hermano Mota ajudaram-me nessa tarefa. Um cartaz aposto sobre o enforcado alertava para o fim da lavoura açoriana e eu na minha qualidade de co-fundador e Director da recém formada Associação Agrícola de São Miguel, misturado entre os lavradores, instigava-os a comparecerem na sede do Ex-Grémio da Lavoura para decidirmos o que fazer. Compareceram muitas dezenas de lavradores influentes que, imediatamente, resolveram que tinha de haver a manifestação. No dia seis lá estavam todos com muitos mais. Tive um modesto papel mas julgo que foi positivo.

Quais eram os objectivos da ma-

nifestação? Dirigentes regionais do PSD/Açores estavam por detrás desta movimentação?

Na realidade, a Associação tinha bastas razões para reclamar. Os preços do cimento, das rações, dos adubos, dos transportes, dos combustíveis, do próprio dinheiro, tudo subia, alguns destes produtos mesmo para o dobro. Só o leite se mantinha. Foi fácil convencer as pessoas. Claro que havia dirigentes do PSD e da própria FLA mas julgo que estariam na dúvida se chegaria ou não a haver a manifestação. Ela havia sido desconvocada.

Foram horas de muita tensão...?

Nem por isso. O ambiente político em Portugal era de tal bandalheira que tudo era permissível. Ou seriam só as esquerdas e os sindicatos a ter direito a exigir e a manifestar-se? Além disso o slogan revolucionário era claro: “o Povo é quem mais ordena”.

Se o objectivo era a independência dos Açores (e pelos vistos não foi a independência pela independência), a Região acabou por ter a actual Autonomia Política Administrativa. Qual a sua opinião sobre a Autonomia que os Açores têm?

Evidentemente que o objectivo não era a Independência dos Açores. Era, isso sim, um claro aviso de que, a continuar o país num descabro a caminho do Comunismo, aliás bem instalado, os Açores saltariam fora. Para já, tínhamos que resolver os problemas económicos da Região e a semente estava lançada.

Tem algo mais a acrescentar que considere relevante no âmbito desta entrevista?

Sem a pressão da altura, nunca teria havido Junta Governativa, nem Estatuto Provisório nem coisíssima nenhuma. Os Açores passariam de Ilhas Adjacentes para a Província dos Açores e até as Juntas Gerais teriam desaparecido. Apesar de, pessoalmente, não ter colhido nenhum benefício económico da Autonomia, antes pelo contrário, não nego que os Açores têm conseguido um desenvolvimento social notável e, sobretudo, uma atenção do Governo Central e da Comunidade Europeia que nunca teriam tido sem a sua Autonomia Política e Administrativa.

João Paz

Diversidade agrícola



Claudia Ávila Gomes
Arquitecta Paisagista

Gaspar Frutuoso foi um cronista que, no século XVI, produziu uma obra que ainda hoje pode ser considerada de referência para o entendimento da paisagem das ilhas macaronésicas, tendo como principal foco os arquipélagos dos Açores e da Madeira. Quando estava a fazer o doutoramento dediquei-me à leitura dos três volumes que dizem respeito aos Açores com o objetivo inicial de pesquisar todas as referências à vegetação natural presente em cada uma das ilhas no início do povoamento. No entanto, não pude deixar de me deliciar com as vividas descrições da paisagem, história e costumes da época, com o apurado espírito de observação e sentido crítico deste escritor que se inscreve no movimento renascentista da época, e com aquilo que talvez se possa já chamar alguma sensibilidade para as questões atualmente denominadas ecológicas, como a necessidade de preservação do solo e da água, assim como da vegetação natural.

Para uma caracterização da paisagem é também necessário o conhecimento da sua componente cultural pelo que, para além da vegetação natural, resolvi também pesquisar todas as referências às culturas agrícolas praticadas pelas primeiras gerações de açorianos e sempre que possível entender aquelas que eram praticadas para exportação de produtos.

Em Santa Maria eram cultivados cereais como o trigo e a cevada, existia vinha, eram já cultivados melões e abóboras, e há também referência à cultura de pepinos e de mostarda. Foram cultivadas amoreiras para a produ-

ção de seda (que não teve sucesso) e existia a exploração de plantas tintureiras para exportação, como o pastel e a urzela. No que que diz respeito aos frutos são referidos figos, amoras, marmelos e maçãs. Foi cultivada cana de açúcar para exportação tanto em Santa Maria como em São Miguel, mas ao tempo das descrições do cronista esta cultura agrícola estava já a ser abandonada em Santa Maria por não se verificarem as condições ideais para a sua instalação.

Para São Miguel para além das culturas anteriores há referência ao cultivo do centeio e do linho. Referem-se diversas culturas hortícolas, de entre as quais se pode destacar as cebolas e batatas, favas, ervilhas, lentilhas e tremoços. Eram cultivados vários citrinos, como laranjeiras, limoeiros, limas e cidra, e outras árvores de fruto como pessegueiros, damasqueiros, pereiras, romãs, castanheiros e nogueiras. Foi mesmo ensaiada a plantação de cerejeiras. Na descrição da Terceira surge como novidade a presença de milho e de inhame, culturas agrícolas características do Novo Mundo. Há também referência a outras culturas agrícolas como grãos diversos, couves e nabos. O cultivo do castanheiro é uma vez mais referido.

No que diz respeito ao Faial, as culturas referidas pelo cronista são o trigo e o pastel (para exportação), mas também a cevada, o centeio, as abóboras e os melões. Há referência a laranjeiras, e Gaspar Frutuoso escreve que seria possível o cultivo da vinha, mas que esta não era plantada. Diz também que esta ilha tem pouca fruta, por não a plantarem, verificando-se já nesta altura dependência agrícola do exterior, nomeadamente da ilha do Pico. Para o Pico, Gaspar Frutuoso refere que o vinho é o melhor de todas as ilhas e é possível encontrar nas descrições desta ilha alguns dos frutos já referidos, como os figos e as maçãs. A leitura dos autores do passado podemos, por vezes, trazer ideias para o futuro. Seria interessante que algumas destas ideias pudessem dar fruto nas ilhas açorianas.

*FRUTUOSO, Gaspar - “Saudades da Terra” (158?). Livros III, IV e VI (edição de Instituto Cultural, Ponta Delgada, 1971, 1977-1981, 1963, respetivamente).

